

LEITURAS ALTERNATIVAS EM UM UNIVERSO ALTERNATIVO: OS HERÓIS (OU VILÕES?) DE *WATCHMEN*

Jaqueline Rodrigues de MORAIS*

João Mateus CUNHA**

Wagner LACERDA***

- **RESUMO:** Esse trabalho pretende analisar as características que poderiam definir três personagens da *graphic novel* *Watchmen* – publicada, pela primeira vez, em uma série de doze episódios, entre 1986 e 1987 –, como heróis: Dr. Manhattan, Ozymandias e Rorschach (MOORE; GIBBONS, 1999). A escolha se justifica por serem estes, em nossa opinião, os personagens que mais influenciam o desenrolar da trama e por representarem, por meio de suas personalidades complexas, concepções filosóficas e morais radicalmente opostas. Por meio de um estudo da pluralidade de suas intenções e ações, verificar-se-á se é realmente possível enquadrar esses personagens em um único arquétipo tradicional de herói. Como aparato teórico deste trabalho, usaremos dentre outras bibliografias pertinentes ao estudo da figura heróica, a ideia de arquétipo intemporal de Carl Gustav Jung (2012) e as assertivas sobre moral e ética de Nietzsche (2012).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Quadrinhos. *Watchmen*. Herói. Moral.

Introdução

Em meados da década de 80 do século passado, as grandes editoras de quadrinhos norte-americanas resolveram apostar em obscuros quadrinistas ingleses para renovar suas revistas e revitalizar seus principais personagens que não caminhavam bem. Este movimento ficou conhecido como “a invasão britânica” e se caracterizou por publicações com temáticas mais densas e voltadas para o público

* UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora – Faculdade de Letras. Juiz de Fora, MG – Brasil. 36036-330 – jaque_hr@hotmail.com

** UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora – Faculdade de Comunicação Social. Juiz de Fora, MG – Brasil. 36036-330 – joacunha13@hotmail.com

*** UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora – Faculdade de Letras. Juiz de Fora, MG – Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. 36036-610 – lacerdasl@gmail.com

Artigo recebido em 22 de outubro de 2013 e aprovado em 30 de novembro de 2013.

adulto. Em 1986, o mais cobiçado dentre estes artistas, Alan Moore, escreve, em conjunto com o ilustrador Dave Gibbons, sua principal obra, *Watchmen*.

Utilizando a máxima do poeta romano Juvenal: “*Quis custodiet ipsos custodes?*” – “Quem vigia os vigilantes?” – como mote para questionar temas controversos como os limites éticos e morais do ser humano, a legitimidade do poder, a responsabilidade e o conflito entre o bem e mal, Moore desenvolveu uma trama alegórica repleta de referências políticas, filosóficas e científicas.

Explorando as divergências e consonâncias de uma sociedade marcada pelo medo em um período extremamente conturbado da política mundial, o autor desenvolve uma história fictícia que mostra como o mundo seria se super-heróis realmente existissem. A partir dessa premissa, e de outros recursos ricamente trabalhados na *graphic novel*, constrói-se uma crítica à realidade política e social repressora de meados dos anos 80 do século passado, quando concepções ideológicas extremas comandavam os principais centros de decisões do mundo.

Esse cenário real de constante terror e paranoia armamentista causado, sobretudo, pelas guerras vivenciadas pelos norte-americanos naquele período, foi a base para a criação desse universo distópico em que, em 1985, EUA e URSS estão à beira de um conflito atômico eminente.

Nessa realidade alternativa, os Estados Unidos venceram a Guerra do Vietnã com a ajuda do Dr. Manhattan, um cientista que ganhou super-poderes após ter se envolvido em um acidente durante um experimento de física nuclear. Na trama, aliás, apenas Dr. Manhattan tem super-poderes; os demais heróis são pessoas comuns, chamados de “mascarados”, que se reúnem em um grupo para combater o crime, valendo-se de suas visões de mundo e conceitos morais particulares para julgar e punir aqueles que consideravam infratores.

Nesse artigo, limitamos o recorte de investigação, visando à formulação da seguinte questão: é realmente possível enquadrar três personagens da trama – Dr. Manhattan, Ozymandias e Rorschach – em um conceito rígido de herói? Através da análise de suas relações com os demais personagens, de suas condutas e de seus conceitos morais que guiam suas ações, averiguar-se-á se os personagens estudados são tão tridimensionais e moralmente complexos que extrapolam conceitos prévios e padrões definidos que comumente são explorados no meio. A edição de *Watchmen*¹ utilizada para a análise será a publicada em doze partes pela Editora Abril em 1999.

Para realizar essa pesquisa, utilizou-se como aporte teórico para balizar conceitos como os de herói e vilão, a ideia de “arquetipos”, proposta por Carl. G. Jung (2012). Já as questões referentes à moral e à legitimação do poder, levantadas na análise das ações e personalidades dos personagens, serão formuladas segundo assertivas

¹ Nas citações que forem retiradas diretamente de *Watchmen* (MOORE, GIBBONS, 1999) especificaremos as revistas/partes em que elas se encontram.

propostas por Friedrich Nietzsche (2012), principalmente as encontradas em sua obra *O Crepúsculo dos ídolos*. Além desses autores, utilizaremos, também como referencial teórico, os estudos de Joseph Campbell (2007) e o seu conceito de “Monomito”, aqui empregados sob uma perspectiva cultural, aplicados às narrativas ficcionais dos produtos de massa – nesse caso específico, os quadrinhos.

O fantástico mundo alternativo dos quadrinhos

Uma leitura crítica dos quadrinhos, aqui entendidos como meio de comunicação, é indispensável para que possamos compreender as suas potencialidades criativas e fazer uma análise consistente dos conteúdos veiculados. Dois dos principais pesquisadores brasileiros da área, Álvaro de Moya (1977) e Moacyr Cirne (1971, 1982), fornecem-nos relevante instrumental teórico para embasar e contextualizar os assuntos abordados.

Álvaro de Moya (1977, p.23), em seu livro *SHAZAM!*, uma das principais publicações do gênero no Brasil, diz que: “Em suma, os quadrinhos são a forma de comunicação mais instantânea e internacional de todas as formas modernas de contato entre os homens de nosso século”.

Sendo uma prática significativa carregada de bens simbólicos e fruto direto da indústria cultural, os quadrinhos, como não poderia deixar de ser, vão influenciar e ser influenciados em aspectos sociais, políticos, ideológicos e comunicacionais pelo ambiente em que estão inseridos. Moacyr Cirne (1982, p.20), em seu livro *Uma introdução política aos quadrinhos*, atenta para o fato de que nas HQs “[...] assim como o ideológico manifesta-se nos mais variados níveis de articulação formal, o político manifesta-se em todos os níveis, seja de modo direto, seja de modo indireto”. Seja por sua importância comunicacional, seja pela importância política, econômica ou estética, o estudo dos quadrinhos é fundamental para que se entendam os motivos dessa mídia representar tão bem a produção cultural de massa; ainda, para saber porque se constituiu por esta e através desta ao longo do século XX.

Exposta a importância do estudo dos quadrinhos, é necessário estabelecer uma base teórica que ancore questões específicas referentes ao herói, à moral, ao poder e aos demais tópicos que serão abordadas dentro da *graphic novel Watchmen*.

Carl Gustav Jung, psicanalista suíço fundador da psicologia analítica e estudioso de questões referentes às diversas formas de manifestação do inconsciente, defende a existência de um inconsciente comum e universal, dotado de unidades de representação preestabelecidas capazes de dar conta de conceitos inatos a quaisquer pessoas, em qualquer época e lugar do mundo. A essas unidades conceituais, Jung deu o nome de arquétipos, que segundo o autor são: “[...] formas e imagens de

natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente” (JUNG, 2012, p.56).

Um dos mais representativos dentre esses arquétipos, que muito variou conforme a sociedade que dele se apropriou, é o do herói. O herói mitológico é a efetivação de um arquétipo que simboliza as “idéias, formas e forças que moldam ou dominam a alma”². Ele é afirmativo, procura o confronto direto com seu lado mais obscuro e com as incertezas e perigos do inconsciente e, se sair vitorioso desse combate, conseguirá suprir uma carência interna.

Segundo Joseph Campbell (2007), professor norte-americano de mitologia e religião comparada, o herói mitológico apresenta algumas características particulares que o definem como tal. É um personagem dotado de dons excepcionais, distinguindo-se dos demais desde a infância, geralmente marcada pelo abandono e por façanhas sobre-humanas. Há casos em que é honrado pela sociedade da qual faz parte e outros nos quais não recebe reconhecimento algum, sendo até mesmo objeto de desdém. Suas ações se diferenciam entre conquistas físicas que irão beneficiar os que o cercam ou espirituais, que dizem respeito a questões pessoais.

Além das características externas e as de sua representação e significação no mundo anímico, o herói tradicional é identificado, sobretudo, por possuir um código moral rígido compartilhado com o meio que o cerca. Suas ações sempre serão guiadas por motivações nobres e princípios altruístas. Mesmo momentaneamente confuso e enfrentando situações em que parece se distanciar de seus ideais, o herói está sempre buscando realizar ações justas e éticas ligadas ao sacrifício, à coragem, à liberdade e ao bem maior.

Em oposição a essa definição tradicional que traz a figura do herói ligado à moral comum e a ela submisso, Friedrich Nietzsche, em seu livro *Crepúsculo dos ídolos*, adverte sobre o perigo de se cultuar ídolos, principalmente aqueles que têm como base de seu prestígio a ilusão do juízo moral. Nietzsche (2012) é contra o que chamou de “moral antinatural”, que seria fabricada e imposta, quase sempre se voltando contra os instintos da vida, negando-os e reprimindo-os. Essa moral, segundo ele, é sintoma de uma existência declinante: “[...] é o próprio *instinto da decadence* que faz de si um imperativo” (NIETZSCHE, 2012, p.47, grifo do autor).

O autor ainda levanta questões referentes ao poder legitimado pela moral. Aponta a fragilidade desse sistema de domínio, em que a moral criada e imposta por poucos justifica o poder exercido sobre muitos. Ele adverte para o perigo de se erigir ídolos/heróis e aceitar que estes imponham sua razão acima de todos:

² Este verbete (HERÓI, 2003) foi retirado do *Dicionário crítico de análise junguiana*.

A moral, na medida em que condena em si, e não por considerações, atenções e determinações da vida, é um erro específico pelo qual não se deve ter compaixão, uma idiossincrasia de degenerados que provocou danos indizíveis! (NIETZSCHE, 2012, p.48).

Nietzsche defende a formação de um homem que se coloque além do bem e do mal, pois, como ressalta, não há no mundo quaisquer fatores morais, estes são apenas interpretações particulares de certos fenômenos e não a realidade em si.

Essas questões são amplamente sugeridas ao longo da trama de *Watchmen*. Moore e Gibbons (1999) exploram os limites e as consequências das ações de um determinado grupo de pessoas comuns que toma para si o direito e o dever de se impor sobre seus semelhantes e julgá-los. O que confere poder a essas pessoas? O que as distingue das demais? Uma máscara e supostas boas intenções legitimam suas ações? Esses personagens poderiam ser considerados heróis?

Um deus em construção: Dr. Manhattan e o progressivo afastamento da humanidade

Brilhante nos estudos, John Osterman tornou-se um notável físico nuclear. Muito cedo conseguiu um emprego no renomado instituto Gila Flats, centro de pesquisa que desenvolvia experimentos de campo intrínseco com o objetivo de descobrir outros campos de força, além da gravidade, que mantivessem as partículas unidas.

Durante um experimento, John foi trancado acidentalmente em uma câmara de testes de remoção do campo intrínseco e, impossibilitado de sair por uma trava de segurança, foi completamente desintegrado.

Após o acidente, o tímido físico nuclear se transformou em um ser com poderes quase ilimitados, como os de reconstituir seu próprio corpo, manipular a matéria em um nível subatômico, teletransportar-se, ver seu próprio passado e futuro, além de possuir força sobre-humana. Em um período de conflito bélico mundial, como a Guerra Fria, o governo dos Estados Unidos da América viu nesse super-homem a arma ideal para se impor diante de seus inimigos e manter a supremacia econômica e política no plano mundial. Em alusão ao projeto criador da bomba atômica o nome escolhido para a “nova arma” da América foi Dr. Manhattan.

John Osterman sempre demonstrou ser dependente da opinião dos que o cercavam, sendo incapaz de arcar com as consequências de suas próprias decisões. Foi assim quando abandonou a profissão de relojoeiro para obedecer às determinações do pai ou quando disse à sua futura namorada Janey Slater: “Parece que os outros sempre tomam decisões por mim” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 4, p.5).

Mesmo depois do acidente, já como Dr. Manhattan, ser mais poderoso da terra, que poderia impor facilmente sua vontade aos demais, sua conduta perante poderes e morais consolidadas – como o pai e o Estado – permanece a mesma, submissa e impotente. Pode-se tomar como exemplo sua participação na Guerra do Vietnã, quando diante de sua passividade, serviu como força e símbolo da superioridade armamentista norte-americana.

É interessante notar que o único personagem com super-poderes da trama fica longe de atingir o ideal de homem proposto por Nietzsche (2012). Segundo o autor, um dos mais importantes princípios para a formação de um indivíduo superior é a conscientização e controle total das ações e vontades. Dr. Manhattan, mesmo sendo um ser extremamente poderoso, deixa-se ser controlado. Se o poder do personagem não é justificativa lícita para que ele possa impor sua moral aos demais, também não o obriga a se submeter passivamente a princípios morais alheios.

Dr. Manhattan foi o personagem que mais apresentou mudanças em seu comportamento durante a trama. Inicialmente ainda se identificava com os problemas da humanidade, mas, progressivamente, torna-se distante e insensível. Essa mudança de comportamento se evidencia quando ele deixa sua primeira esposa ao perceber que esta envelhecia, enquanto ele, por razões do acidente, mantinha-se imune à ação do tempo. A partir de então, Dr. Manhattan inicia um romance com a jovem, e também combatente do crime, Laurie Juspezyk.

O distanciamento se torna cada vez mais efetivo e sua conduta cada vez menos “humana”. Na passagem em que Rorschach o alerta sobre a morte do Comediante, mascarado que atuava sob a supervisão do governo e é assassinado no começo da trama, Dr. Manhattan demonstra com que perspectiva enxerga a vida humana: “Um corpo vivo e um corpo morto contém o mesmo número de partículas. Estruturalmente não há diferença discernível. Vida e morte são abstrações não quantificáveis. Por que deveria me importar? (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 1, p.21).

O desinteresse pela questão da vida teve seu auge quando, no Vietnã, apenas observou o Comediante assassinar uma mulher a quem este tinha engravidado.

Uma das principais características que distinguem o herói tradicional é a profunda preocupação com a vida humana. Todas as suas ações visam, em última instância, à preservação e à continuidade da vida. Em uma de suas falas, no entanto, Dr. Manhattan chega a afirmar que ela é um fenômeno exageradamente valorizado. A partir das considerações anteriores e dessa afirmação, pode-se perceber que a questão da vida humana não é determinante para guiar as ações do personagem.

Em meio a acontecimentos que desestabilizam sua imagem frente à opinião pública, e tendo rompido seu relacionamento com Laurie, Dr. Manhattan deixa o planeta e procura refúgio em Marte. Durante sua estadia fora da Terra, recapitula toda a sua trajetória relembando acontecimentos decisivos. Após premeditar um futuro diálogo com Laurie, que se passaria no planeta vermelho, em que esta tentaria

convencê-lo a evitar o conflito nuclear eminente, Dr. Manhattan volta à Terra para buscá-la. Juntos, discutem extensamente sobre o valor da vida.

Sob a perspectiva humana, levando em consideração o grande significado de pequenas emoções e tragédias particulares, e a estima que tem por Laurie enquanto ser humano específico, Dr. Manhattan finalmente compreende a dimensão da vida. O personagem percebe que a existência humana é composta de “[...] eventos tão improváveis que são impossíveis na prática, como o oxigênio virar ouro espontaneamente” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 9, p.26). Assim, Dr. Manhattan volta com Laurie para a Terra, a fim de evitar a catástrofe nuclear.

A redenção do personagem, que, mesmo se distanciando da condição de humano, ao longo da trama compreende o valor da vida, é um fato que pode aproximá-lo da condição de herói. No entanto, após o acidente, John perde a capacidade de enxergar a existência sob a perspectiva humana, suas ações são guiadas por conceitos que nos são insondáveis. É extremamente problemático enquadrá-lo em qualquer sistema moral, seja qual for, pois todos eles partiram de experiências e percepções estritamente humanas... e Dr. Manhattan não é humano, estando à parte de qualquer categorização.

Nunca se render: o mundo em preto e branco de Rorschach

Walter Joseph Kovacs, mascarado conhecido como Rorschach, o “detetive” da trama de *Watchmen*, teve uma infância marcada por muito sofrimento. Filho de uma mãe prostituta e negligente, e de um pai que jamais conheceu, Kovacs sempre apresentou um comportamento apático e retraído. Tirado muito cedo de seu lar e levado para um reformatório, Walter mostrou-se uma criança brilhante, porém, muito calada.

Ao sair do reformatório, Walter Kovacs conseguiu um emprego medíocre em uma confecção, onde trabalhava com roupa feminina. Durante seu expediente, deparou-se com um vestido feito com um tecido especial – criado, coincidentemente, pelo Dr. Manhattan – que continha um líquido escuro, sensível ao calor e a pressão, entre duas camadas de látex branco. Kovacs se apropriou dele, pois se sentiu atraído pelas formas duais do tecido, onde o preto e o branco mudavam de forma constantemente sem se misturar, assemelhando-se aos desenhos ambíguos utilizados no conhecido Teste de Rorschach. Daí também o nome adotado pelo personagem quando este decide se tornar um mascarado.

Tempos depois, Walter leu em um jornal a notícia de que a moça para quem a roupa havia sido confeccionada fora violentada e morta e que muitos vizinhos presenciaram a cena e nada fizeram para ajudá-la. Perturbado com o caso, Walter fez com aquele tecido uma máscara, ou, segundo ele, um “rosto que tolerasse olhar no

espelho” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 6, p.10). A partir de então, passou a atuar nas ruas como um justiceiro mascarado.

Em uma de suas rondas noturnas, Rorschach decide investigar o desaparecimento de uma garotinha. Quando finalmente encontra o catifeiro, descobre que a vítima já havia sido assassinada e seus restos mortais haviam sido servidos como alimento para os cães do sequestrador. Esse fato é decisivo na formação do personagem que, indignado com a situação, mata o autor do crime, queimando-o vivo e permanecendo ainda no local para assisti-lo morrer lentamente.

Esse foi o primeiro assassinato cometido pelo personagem e marca uma transição profunda na sua personalidade. A partir do incidente, Walter Kovacs, incapaz de lidar com a realidade de sua vida conturbada, opta por negar as diferentes nuances da existência e passa a enxergar o mundo através do preto e branco de sua máscara: “Eu renasci, livre para traçar meu próprio destino neste mundo desprovido de moral” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 6, p.26). A personalidade do inseguro e retraído Kovacs cede lugar ao determinado e violento Rorschach, completamente descrente do valor da vida: “Olhei para o céu através da fumaça cheia de gordura humana e Deus não estava lá. A escuridão fria e sufocante prossegue eternamente, e nós estamos sozinhos” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 6, p.26).

Acreditando viver em um mundo amoral, Rorschach cria para si uma conduta rígida e simplista, em que as coisas e as ações são definidas como boas ou más, sem meio termo ou variações. Ele acredita que sua moral deve prevalecer sobre as demais e suas atitudes, guiadas por um padrão de conduta pré-estabelecido, não devem estar submetidas a situações ou variantes, nem a julgamentos pessoais: “A existência é aleatória. Sem padrão a não ser o que imaginamos depois de contemplar tudo por muito tempo. Sem sentido a não ser o que escolhemos impor” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 6, p.26). A sua moral é absoluta e imutável.

No primeiro capítulo de *Watchmen*, podemos observar na conversa entre Rorschach e Laurie Juspezyk um certo desentendimento. O primeiro procura Laurie e Dr. Manhattan para avisar da morte do Comediante e alertá-los sobre uma possível conspiração contra os mascarados. Nesse momento, a mulher demonstra todo seu desprezo pelo falecido, já que este, anos antes, havia violentado sua mãe. Rorschach desfaz da conduta de Laurie e define o comportamento do Comediante como um simples “lapso moral”.

Nessa passagem fica clara a maneira parcial com que Rorschach lida com algumas situações e como seu código muitas vezes abre brechas para preferências pessoais. Essa é uma atitude que não se enquadra em um arquétipo tradicional de herói, visto que, se os padrões morais de Rorschach são rígidos, este deveria defender a vítima até o fim, independente de quem foi seu agressor, julgando o Comediante como o faz com os bandidos que encontra em seu caminho.

No entanto, por se tratar de um antigo combatente do crime, que em certo momento representou seu país na guerra, com posições políticas próximas as de Rorschach, este relativiza suas ações, chegando mesmo a admirar a personalidade controversa de Blacke: “Sem determinação, nenhum deles [mascarados]. Exceto o Comediante. Personalidade forte. Não ligava se não gostavam dele. Sem compromissos. Admirável” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 6, p.15).

Por outro lado, podemos notar certo “heroísmo” da parte de Rorschach, por se prontificar a ir ao encontro de cada um de seus antigos companheiros combatentes para alertá-los do que, segundo ele, seria uma tentativa de dizimar os mascarados. Mesmo sendo ignorado por eles, continua investigando o caso da morte de Blacke, buscando o culpado para puni-lo.

Além disso, nenhuma das ações de Rorschach pode se converter em proveito próprio. Mesmo quando de alguma maneira distorce seus preceitos morais para relativizar as ações de outro personagem, ele próprio não é beneficiado pelo ato. Esta situação é levada ao extremo quando ele é coagido a fazer um acordo e se calar diante do plano de Ozymandias para salvar o mundo, ato com o qual não concorda. Rorschach prefere morrer, dizendo que: “Não. Nem mesmo diante do Armagedon. Acordo jamais” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 12, p.20). Diante de sua intransigência, o personagem é morto por Dr. Manhattan.

Por passar toda a trama tentando solucionar o caso da morte de um ex-companheiro, sempre procurando a verdade, inclusive, no final preferindo a morte à mentira, encontramos no personagem características do herói tradicional. Porém, Rorschach atua de maneira violenta e paranoica para atingir seus objetivos, e, muitas vezes, age em desacordo com seu próprio senso de moral, como na situação em que defende as atitudes do Comediante, sendo estas, características que não condizem com as ações da personagem heróica.

E mais uma vez o grande vilão... salva o planeta? As ambições do homem mais inteligente do mundo

Adrian Veidt, também conhecido como Ozymandias, o homem mais inteligente do mundo, é um dos mais importantes personagens de *Watchmen*. Possui um extraordinário nível de inteligência, concentração e autocontrole. Sua desenvoltura intelectual lhe confere habilidades quase sobre-humanas, como um físico ultra desenvolvido, e as capacidades de desviar-se de projéteis de arma de fogo e de antever tendências do futuro.

Dois anos antes da instituição da Lei Keene, Veidt abandonou suas atividades de combatente do crime e revelou sua identidade. Após esse período, dedicou-se integralmente aos negócios e ergueu um império comercial.

Como homem público, Veidt se mantém acima de qualquer suspeita. É um grande filantropo, pacifista influente e amante e incentivador das artes e da cultura. No entanto, nos bastidores da trama, sob as cortinas da aparência, arquiteta o maior plano da história da humanidade. No mundo distópico de *Watchmen*, Estados Unidos da América e União Soviética estão à beira de um confronto nuclear de proporções catastróficas que, se concretizado, destruiria a Terra. Ante uma guerra nuclear iminente, Veidt toma para si a nada modesto tarefa de “salvar” o mundo. E para tal feito forja uma invasão alienígena que força EUA e URSS a unirem forças contra um inimigo comum.

Uma das principais características da personalidade de Veidt é a capacidade de moldar determinados traços de sua personalidade a fim de atingir seus objetivos. Nada escapa ao seu controle, as mínimas decisões são conscientes e fazem, todas elas, parte de um plano maior, engendrado para fazer de si próprio o mais bem sucedido exemplo do desenvolvimento das potencialidades da espécie humana.

Talvez encontremos em Veidt um dos mais completos exemplos do tipo de homem superior proposto por Nietzsche (2012). Forte, grande, altivo, nobre, detentor de vários dos sinônimos frequentemente utilizados por Nietzsche quando este se reporta ao tipo humano mais elevado e tão ansiado por seu projeto crítico da moral. Um homem criador, além dos ditames limitadores da moral decadente e conformista. O homem modelo de Nietzsche, ante a falta de valor e significado da existência, impõe-se com total consciência dos seus atos, germinando assim uma nova forma de ser.

Veidt está intimamente ligado à principal situação de *Watchmen*: o desfecho apocalíptico que impediu a guerra nuclear e matou metade dos habitantes da cidade de Nova York. Esse episódio, além de definir o destino de todos os personagens principais da trama, tem importância central para entendermos a complexa personalidade do homem mais inteligente do mundo.

Veidt evita uma guerra nuclear e efetivamente salva a humanidade da destruição. No entanto, suas ações implicaram na morte de milhões de pessoas inocentes. Para fins de interpretação da sua personalidade, os resultados de seu plano parecem ser menos esclarecedores do que os motivos que o levaram a concretizá-lo. Suas ações foram conscientemente altruístas ou, ao contrário, denunciam uma já assinalada propensão egoísta e megalomaniaca?

A segunda hipótese se mostra mais atrativa quando analisamos duas falas proferidas pelo personagem em pontos chave da narrativa. Após eliminar todos os obstáculos que impediam seu plano, Ozymandias diz: “Eu havia triunfado, nada agora se punha entre mim e meu objetivo. O destino da terra repousava em minhas mãos” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 11, p.26). Mais tarde quando finalmente consegue transportar seu monstro “alienígena” para Nova York: “Eu consegui, eu

salvei a terra do inferno. A seguir vou guiá-la à utopia” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 12, p.20).

Essas passagens evidenciam uma possível leitura, qual seja a de que o personagem cometeu todos os assassinatos e danos em busca de glória e realização pessoal. Veidt não pretendia apenas um novo mundo, pacífico e harmonioso, era fundamental que ele fosse o guia responsável por esse mundo utópico.

Em uma entrevista fictícia realizada com Ozymandias, o aguçado repórter Doug Roth se surpreende quando escuta o ex-herói se referir aos humanos como humanóides: “Humanóides [...] Terei detectado por traz daquele rosto dourado e simpático um desprezo pelos reles humanos até agora não percebido?” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 11)³. Nessa mesma entrevista, Veidt termina sua participação com um comentário irônico, respondendo a Roth que não se sentia incomodado por ser considerado o homem mais inteligente do mundo: “Não, não, eu não ligo de ser o homem mais inteligente do mundo. Eu só não gostaria que fosse desse mundo” (MOORE; GIBBONS, 1999, parte 11)⁴.

Veidt talvez se preocupasse muito pouco com os humanos para sentir algum tipo de compaixão por eles. Uma passagem assinalada por Nietzsche, referindo-se aos pretensos melhoradores da humanidade, é ilustrativa em relação à condição de superioridade de Ozymandias:

Aquele ali também é um conhecedor dos seres humanos: e os senhores afirmam que não quer nada para si com isso, que é um grande “impessoal”. Prestem mais atenção! Talvez ele queira inclusive uma vantagem muito mais séria: sentir-se superior às pessoas, poder olhá-las de cima, não ser mais confundido com elas. (NIETZSCHE, 2009, p. 88, grifo do autor).

Ao racionalizar os problemas do mundo, Veidt acaba caindo em um reducionismo simplista e perigoso. Aliás, prática comum entre os grandes ditadores da história que utilizam doutrinas “visionárias” para justificar revoluções que, em última instância, servem apenas para perpetuar seu poder e sua glória, colocando o individual acima do coletivo e a busca pelo poder acima da justiça. Segundo Jung (2012, p.29):

A sombra, porém, é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização. Este problema é extremamente difícil, pois não desafia apenas o homem total, mas também o adverte acerca

³ Esta citação foi retirada de uma entrevista fictícia que se encontra em uma seção à parte da história principal de *Watchmen*, sem paginação, no final do 11º capítulo.

⁴ Citação retirada da mesma seção não paginada mencionada na nota acima

do seu desamparo e impotência. Às naturezas fortes – ou deveríamos chamá-las fracas? – tal alusão não é agradável. Preferem inventar o mundo heróico, além do bem e do mal, e cortam o nó górdio em vez de desatá-lo.

Podemos imaginar, ainda, que Alan Moore pensou no personagem em questão como uma homenagem aos clássicos vilões de histórias em quadrinhos. Megalomaniaco, inteligente, obcecado por realizar um plano que envolva todo o mundo, dono de uma fortaleza secreta e propenso a revelar seu plano secreto no último momento. Utilizando-se dos clichês dos quadrinhos, Moore e Gibbons (1999) brincam com o gênero de super-herói e transformam um enredo clássico em uma obra profunda sobre bem, mal, poder e responsabilidades. No caso de Veidt, suas intenções são tão dúbias e complexas e sua personalidade é tão tridimensional que todas suas ações podem ser interpretadas sob diferentes pontos de vista, o que impossibilita que enquadremos o personagem em uma definição clara e rígida de herói.

Considerações finais

Com este estudo buscamos levantar questões proeminentes na obra de Moore e Gibbons (1999), como as várias faces da personagem heróica e os desdobramentos de suas ações. O que nos propusemos a fazer foi, a partir de um conceito de herói previamente formulado, apresentar hipóteses que fomentem discussões a respeito da forma com que os autores reverteram as fórmulas tradicionais de composição do herói, para aprofundar a obra e humanizar seus personagens.

Por meio da análise das ações e relações dos três personagens estudados – Dr. Manhattan, Rorschach e Veidt – pudemos observar que suas personalidades são tão moralmente complexas que extrapolam conceitos prévios e padrões definidos que comumente são explorados no meio. Se não podemos enquadrá-los em um padrão rígido de herói, também não podemos desconsiderar algumas de suas atitudes que são próprias do herói tradicional.

Ressalte-se que esse trabalho não se constitui em uma análise completa e concluída da questão que investigamos, mas apenas em um passo na construção de um trabalho maior e mais aprofundado sobre a trajetória de personagens heroicos nos quadrinhos.

MORAIS, Jaqueline Rodrigues de; CUNHA, João Mateus; LACERDA, Wagner. Alternative readings in an alternative universe: the heroes (or villains?) of Watchmen. **Revista de Letras**, São Paulo, v.53, n.2, p.73-85, jul./dez. 2013.

- **ABSTRACT:** *This study aims to analyze the characteristics that could define three characters from the graphic novel Watchman – first published on a twelve-episode series between 1986 and 1987 –, as heroes: Dr. Manhattan, Ozymandias and Rorschach (MOORE; GIBBONS, 1999). This choice is justified because, in our opinion, these characters are the most influent on the unfolding of the plot, and also because they represent, through their complex personalities, philosophical and moral conceptions that are dramatically opposed. By means of a study of the plurality of their intentions and actions, it will be possible to verify if it is really reasonable to fit these characters in just one traditional archetype of hero. As theoretical apparatus of this work, we use, among other significant bibliographies to the study of the heroic image, the ideia of timeless archetype from Carl Gustav Jung (2012) and the statements about moral and ethics of Nietzsche (2012).*
- **KEYWORDS:** *Comics. Watchmen. Hero. Moral*

Referências

- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CIRNE, M. **Bum! a explosão criativa dos quadrinhos**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- _____. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé/Angra, 1982.
- HERÓI. In: SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Tradução de Pedro Ratis e Silva. Rio de Janeiro: Rubedo, 2003. Disponível em: < <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/abertura.htm> >. Acesso em: 7 ago. 2013. Não paginado
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MOORE, A.; GIBBONS, D. **Watchmen**. São Paulo: Ed. Abril, 1999.
- MOYA, A. de. **Shazam!** 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- NIETZSCHE, F. **O crepúsculo dos ídolos**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- WHITE, M. D. **Watchmen e a filosofia: um teste de Rorschach**. São Paulo: Madras, 2009.

